

Paulo-Roberto Andel

As vísceras da cidade II

VII

Acontece que essa também é a cidade das esmolas. Esmolinhas. Os políticos dão projetos de esmolinha para meia dúzia e acreditam ter mudado a cidade. O sonho do Carnaval é uma esmola para tanta gente tão sofrida. O sonho do futebol no Maracanã já foi uma grande esmola, mas o povo foi expulso de lá e agora se abriga em birosas para poder vivenciar sua única alegria. Às vezes temos esmolas de grandes shows como os de Madonna e Lady Gaga, então o grande capital ganha, os trabalhadores minúsculos sobrevivem e ficamos esperando a próxima esmola.

VIII

A maior prova do descalabro da cidade está nas madrugadas, quando milhares de famintos tentam se abrigar na porta de agências bancárias. Lembre-se: toda vez que você vir uma pessoa em situação de rua desabada numa calçada à tarde, pode ser consequência da pessoa virar a noite acordada, com medo de ser morta, incendiada ou estuprada.

IX

A cidade está crescendo. Temos cada vez mais prédios, voltados para quem já tem apartamentos - a minoria. Surgem novos bairros devidamente gentrificados, onde o povo só aparece como camêlo ou prestando os serviços condominiais.

“O povo? Que se aperte nas favelas.”

Nos bairros antigos, há cada vez mais lojas fechadas que nunca mais vão abrir.

Aliás, a própria rua que, no passado, era um palco de celebração da cidade, agora é cada vez mais mero percurso de passagem. As pessoas têm pressa. As pessoas têm medo. O celular virou o último refúgio das amizades numa cidade que já misturou muitos gênios em muitos bares, mas tirando os nichos da burguesia e alguns pontos esparsos, a vida na rua acabou. Ficaram apenas as pessoas oprimidas pela miséria.

X

“Miséria, miséria em qualquer canto, riquezas são diferentes.”

“A morte não causa mais espanto.”

A cidade ainda tem beleza sim. Ainda tem poesia. Contudo, as chances são cada vez mais escassas.

A cidade humilha as pessoas, não todas, mas a maioria.

Muita gente deu seu sangue e sua vida para que a cidade fosse de todos, mas isso jamais aconteceu, e não há esperanças de que o cenário mude.

Seria possível mudar a cidade para melhor, mas as pessoas que controlam o poder não têm o menor compromisso com o bem comum: parlamentares, empresários, personalidades, banqueiros etc. Nunca estiveram nem estão aí com nada.

XI

Cidade maravilhosa.

Nos Oceanos da lusofonia

Moçambicano Mia Couto e angolano José Eduardo Agualusa disputam com brasileira Silvana Tavano e autores portugueses na categoria de prosa da premiação que celebra a literatura em língua portuguesa

Luiza Sigulem/Divulgação

Por Affonso Nunes

O Prêmio Oceanos, uma das mais prestigiadas distinções literárias do universo lusófono, anunciou os dez finalistas da edição de 2025, com autores de Brasil, Portugal, Moçambique e Angola competindo nas categorias de prosa e poesia. O resultado será conhecido em 10 de dezembro, dando continuidade a uma trajetória que, desde 2003, celebra a diversidade e a excelência da literatura em língua portuguesa.

Na categoria de prosa, destacam-se nomes consagrados como o moçambicano Mia Couto, com “A Cegueira do Rio”, e o angolano José Eduardo Agualusa, autor de “Mestre dos Batuques”. A brasileira Silvana Tavano concorre com “Ressuscitar Mamutes”, obra que também figurou entre os finalistas do Prêmio São Paulo de Literatura e semifinalistas do Jabuti. Completam a lista os portugueses Rui Cardoso Martins e Teresa Veiga, demonstrando a força da literatura portuguesa contemporânea.

Já a categoria de poesia apresenta maioria brasileira, com Maria do Carmo Ferreira, Ana Maria Vasconcelos e Fabiano Calixto representando o país. Os demais concorrentes são o moçambicano Francisco Guita Jr. e o português Ricardo Gil Soeiro. Os dez títulos finalistas foram selecionados entre 3.432 obras inscritas, número recorde na história das premiações, aumentando sua relevância no cenário literário lusófono.

Criado em 2003 pela Portugal Telecom como Prêmio Portugal



A brasileira Silvana Tavano figura na relação dos finalistas do Prêmio Oceano na categoria prosa com o romance ‘Ressuscitar Mamutes’

Telecom de Literatura, a premiação inicialmente focava na literatura brasileira. A partir de 2007, abriu-se para autores de todos os países de língua portuguesa, e em 2015 ganhou o nome atual, passando a ser gerido pela Oceanos Cultural e pelo Itaú Cultural. O prêmio é considerado o equivalente lusófono do britânico Man Booker Prize, tanto pela qualidade dos títulos selecionados quanto pelo alto valor financeiro distribuído a seus vencedores.

O Oceanos dá visibilidade à nossa língua em suas mais variadas expressões, projetando autores e obras que estariam restritos a seus mercados locais. Seu júri é formado por especialistas de diversas nacionalidades que adotam o português como idioma oficial.

Ao longo de sua história, au-

tores brasileiros conquistaram posição de destaque. Em 2003, Bernardo Carvalho (“Nove Noites”) e Dalton Trevisan (“Pico na Veia”) dividiram o primeiro lugar. Paulo Henriques Britto venceu em 2004 com “Macau”, seguido por Amílcar Bettega Barbosa em 2005 (“Os Lados do Círculo”) e Milton Hatoum em 2006 (“Cinzas do Norte”). Cristóvão Tezza triunfou em 2008 com “O Filho Eterno”, Nuno Ramos em 2009 (“Ó”) e Chico Buarque em 2010 (“Leite Derramado”). Rubens Figueiredo levou o prêmio em 2011 (“Passageiro do Fim do Dia”), José Luiz Passos em 2013 (“O Sonâmbulo Amador”) e Sérgio Rodrigues em 2014 (“O Drible”). Em 2015, Silviano Santiago venceu com “Mil Rosas Roubadas”, e Julián Fuks ficou em segundo lugar em 2016 com “A Resistência”. Mais recentemente, Michéline Verunsch conquistou o prêmio em 2024 com “Caminhando com os Mortos”, consolidando a presença brasileira no topo da premiação.